



O NOVO MAPA ESTRATÉGICO DO MUNDO

Geoffrey Kemp

É professor-associado de Política Internacional na Fletcher School of Law and Diplomacy, da Universidade de Tufts, em Massachusetts. O presente trabalho, um sumário das conclusões preliminares de um estudo em preparação na Fletcher School para um projeto custeado pela Fundação Rockefeller sobre Recursos Escassos e Conflito Internacional, foi originalmente publicado em Survival, órgão do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres.

O presente artigo foi transcrito por deferência do Jornal do Brasil.

A guerra árabe-israelense de 1973 e o embargo petrolífero contra o Ocidente marcaram o início de uma nova era nos estudos estratégicos, potencialmente tão dramática quanto o advento da era nuclear, em 1945. Nos próximos 10 anos a estratégia militar do Ocidente terá de se adaptar a um contexto em mutação que, por um lado, reflete o renascimento de um enfoque geopolítico mais tradicional do conflito e, por outro, apresenta muitas novas características, algumas das quais têm implicações radicais no papel representado pela força da política internacional.

Embora seja certo que o crescimento do poderio militar soviético continuará sendo a maior fonte de preocupação na Aliança Ocidental, a guerra de 1973 e os acontecimentos subseqüentes chamaram a atenção, no quadro do sistema internacional, para quatro tendências básicas que já não podem ser ignoradas na avaliação do equilíbrio estratégico entre o Leste e o Ocidente. Estas tendências são: a difusão do poderio político econômico e militar entre o mundo não industrializado; a crescente importância, para o Ocidente, os países comunistas e o mundo não-industrializado, de recursos escassos como o petróleo, os alimentos e a tecnologia; as alterações no sistema de bases militares mantidas no exterior pelo Ocidente e pelos so-

viéticos; e o novo regime marítimo e seu impacto sobre o acesso a ilhas, vias e recursos marítimos. Tais tendências são em geral prejudiciais aos interesses estratégicos tanto do Ocidente quanto dos Soviéticos.

NOVAS CONFIGURAÇÕES NO MAPA

DIFUSÃO DO PODER — Ao nível político, a difusão de poder manifestase no número cada vez maior de países não industrializados que apresentam obstáculos ao comportamento político e militar do Ocidente em conflitos localizados, e se mostram ainda capazes de explorar divergências políticas e econômicas entre os países industrializados. Em termos econômicos, a difusão de poder pode ser constatada principalmente no maior poder aquisitivo dos países ricos em recursos naturais e não-industrializados, em contraste, na defasagem que se vai ampliando entre nações muito ricas e muito pobres.

A difusão de tecnologia militar vem ocorrendo em três níveis: perspectivas mais acentuadas de proliferação nuclear; a generalizada transferência de tecnologias militares não nucleares para regiões de conflito no mundo menos industrializado; e a perspectiva de armas avançadas, inclusive as nucleares, caírem em mãos de grupos terroristas, criminosos ou loucos.

RECURSOS ESCASSOS E INTERDEPENDÊNCIA

A guerra de 1973 tornou evidente a dependência do Ocidente ao petróleo do Oriente Médio e o impacto desarmonizador, a nível político, que isto poderia ter sobre a Aliança. Esta dependência aumentou desde 1973 e — exceto em caso de uma grande recessão econômica — continuará aumentando até que se promova uma política energética coerente. Sendo os fornecimentos de petróleo do golfo persa ao mesmo tempo tão importantes e duvidosos, as fontes alternativas do produto assumem uma nova importância estratégica. Dessa forma, a busca de petróleo nos mares da China Oriental e da China Meridional, na costa Ocidental da África do Sul e nos mares do Norte levou a conflitos a respeito de áreas terrestres e marítimas em que se supõe existirem lençóis petrolíferos.

Entretanto, se o calcanhar-de-aquiles do Ocidente está no Petróleo, o da URSS está nos alimentos e na tecnologia. Se pretender desenvolver-se em grau compatível com as expectativas políticas da população, a economia soviética terá de melhorar sua performance. O país precisa da tecnologia ocidental, assim como dos alimentos exportados pelo Ocidente, em caso de más colheitas. Em vista disso, o acesso à tecnologia e aos mercados de produtos alimentares do Ocidente tornou-se um ingrediente importante no planejamento econômico soviético.

Também os países não-industrializados dependem da tecnologia ocidental. Eles não podem desenvolver-se sem a ajuda do Ocidente, e, no caso dos mais ricos, só podem investir seu dinheiro nos mercados financeiros ocidentais.

Vem emergindo, assim, no que diz respeito aos recursos naturais e ao sistema econômico, uma série triangular de dependências que — tudo indica — deverá intensificar-se. Para os otimistas, esta tendência assinala um relacionamento mais estável e equânime entre estados industrializados e não-industrializados; os pessimistas, no entanto, chamam a atenção para os muitos conflitos que perduram no Oriente Médio e no hemisfério sul e que não serão resolvidos apelando-se racionalmente para as motivações econômicas, podendo ainda precipitar um envolvimento militar mais amplo por parte dos EUA e da URSS.

Alterações no sistema de bases militares — Durante a Guerra de 1973, os EUA descobriram que não poderiam contar com a maior parte dos países europeus para conseguir bases para o reabastecimento de Israel. Na mesma época, no entanto, o Governo português pôs à disposição, para reabastecimento de aviões americanos, vários campos de pouso nos Açores. A revolução portuguesa de 1974 tornou problemático o uso desta rota de reabastecimento. Por outro lado, importantes bases navais foram perdidas em Angola (Luanda) e Moçambique (Lourenço Marques). As bases americanas no Vietnã já não existem, e as que restam na Tailândia estão para ser fechadas. Existem ainda especulações sobre a imposição de maiores restrições às importantes bases americanas nas Filipinas (Clark e Subic Bay) e sobre o futuro das bases na Turquia, Etiópia, Islândia e Espanha. Paralelamente, a URSS vem intensificando o uso de instalações militares em todo o mundo, particularmente ao longo do litoral africano e do Sul da Ásia.

O novo regime marítimo — A quarta e mais revolucionária tendência é o surgimento de um novo regime marítimo internacional. Paralelamente as resoluções não ratificadas da Conferência da ONU sobre Legislação Marítima (UNCLOS), vários estados marítimos vêm estendendo unilateralmente seus mares territoriais a distâncias que variam entre 12 e 200 milhas, antecipando-se muito deles à instituição de uma zona econômica exclusiva (EEZ) de 200 milhas, o que lhes dará direitos de exploração dos recursos marítimos.

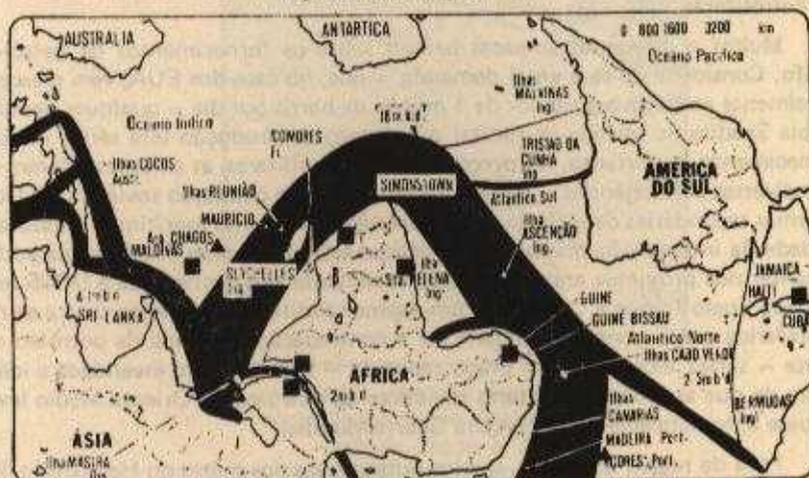
As implicações estratégicas deverão variar de região para região, mas em alguns casos serão profundas, especialmente no que diz respeito ao acesso do Ocidente e da URSS às rotas de transporte e aos recursos marítimos. A disputa pelos oceanos e rotas marítimas tem levado, por outro lado, a sérios conflitos pela posse de numerosas pequenas ilhas espalhadas pelo mundo¹. Além disso, baseando-se a extensão da jurisdição marítima na propriedade das terras costeiras, vêm-se manifestando conflitos sobre terras fronteiriças, assim como divergências sobre a metodologia a ser seguida na fixação de linhas divisórias entre a costa e o mar alto.

Um novo mapa estratégico — Embora seja já importante o impacto de cada uma das tendências separadamente, tomadas em conjunto elas têm um efeito dramático. Pois o que testemunhamos é o surgimento de um mapa estratégico radicalmente alterado. As conseqüências práticas disto são o restabelecimento da importância da geografia e dos recursos naturais como fatores da estratégia militar e uma nova consciência das perspectivas geo-estratégicas das potências regionais. Dessa

o Ocidente tinha presença militar no Golfo (Bahrein e Estados da Trégua), na Península Árabe (Mascate, OMA e Aden), no chamado Chifre da África (Djibuti e Etiópia) no Sul da África (Moçambique e Angola) e na África ocidental (Guiné Portuguesa). A URSS praticamente não estava presente na região, exceto pelo acesso a algumas instalações em Cuba.

O mapa nº 2 mostra a situação atual. Muito menos petróleo é transportado pelo canal de Suez e por duas razões: o fechamento do canal entre 1967 e 1975 e o advento de nova tecnologia que o torna inviável para os super-tanques. Chamam a atenção o maciço crescimento da rota que circunda o Cabo da Boa Esperança, o crescimento da rota para o Extremo Oriente e, pela primeira vez, um considerável fluxo de petróleo para os EUA, através do Atlântico.

Mapa 2: Mares do Sul, 1976



Projeção azimutal equidistante centrada na Cidade do Cabo, África do Sul.
Todas as distâncias a partir do centro da projeção estão corretas

Em 1976, o Ocidente havia perdido suas principais bases e instalações no Golfo, na Península Árabe (à exceção de uma estação britânica na ilha de Masira, próxima a Omã), em Moçambique, Angola e na Guiné Portuguesa. Em compensação, aumentou o número de instalações usadas pelos soviéticos, no Iraque, na República do Iémen, na Somália, na Índia, nas Ilhas Maldivas, em Moçambique, Angola, Guiné e Cuba. Estas instalações usadas pela URSS não podem ser rigorosamente consideradas bases militares, no sentido em que o são por exemplo, as bases americanas nas Filipinas. Cumprem, entretanto, uma útil função logística, e poderão ter importantes implicações militares no futuro, se associadas ao crescimento global da mobilidade e forças marítimas soviéticas, sua considerável presença militar ao longo da fronteira iraniana e sua atividade no Afeganistão³.

O mapa 3 mostra a difusão da tecnologia militar pela área do Golfo, que é, de todas as regiões dos mares do Hemisfério Sul, a mais importante. As áreas sombreadas referem-se aos países que, em 1976, contavam oficialmente em seus arsenais com aviões de combate 0-50 ou 50 mais Mach 2.00 (um mapa semelhante referente a 1965 incluiria a Índia, o Paquistão e a Turquia na categoria 0-50, sem mais nenhuma zona sombreada). Estes dados não se referem ao potencial militar real, mas constituem uma boa avaliação das transferências de tecnologia. Considerando-se as atuais encomendas de tecnologia militar avançada, estes países contarão, em 1980, com um número muito maior de armas.

Esta tendência não é necessariamente contrária aos interesses do Ocidente. A escalada militar pode contribuir para a redução das perspectivas de conflito entre os países da região. Entretanto, se vier a ocorrer uma guerra local no Golfo, provavelmente serão usadas armas muito sofisticadas, com danos materiais para as instalações petrolíferas.

Muitas e diferentes ameaças pairam sobre os fornecimentos de petróleo do Golfo. Considerando-se a atual demanda — que, no caso dos EUA, vem crescendo anualmente ao ritmo assustador de 1 milhão de barris por dia — qualquer decisão da arábia Saudita no sentido de limitar o aumento da produção terá sérios efeitos no fornecimento e, portanto, no preço. Em termos militares, as ameaças referem-se às mais diversas contingências — da possibilidade de uma ocupação soviética do Golfo a formas secundárias de violência e à interferência nas rotas marítimas. Embora a capacidade da intervenção militar dos soviéticos seja atualmente limitada, ela poderá aumentar nos próximos anos, não sendo totalmente implausível que a URSS seja “convidada” pelo Iraque a “proteger” um regime saudita radical. Neste caso a estratégia preferida pelos soviéticos poderia ser a continuação da venda de petróleo ao Ocidente — talvez inclusive a um preço reduzido — ficando assim invalidada a idéia simplista de que as ameaças militares soviéticas ao petróleo do Oriente Médio levariam, quase automaticamente, à Terceira Guerra Mundial.

Fora da região do Golfo, quatro outras áreas dos mares do Hemisfério Sul são de grande importância estratégica para o Ocidente: 1) o sul da África, onde o problema mais sério surgiria se a região do Cabo caísse em mãos adversárias — ou seja, soviéticas; 2) a Austrália, que poderia — por sua posição geográfica — dotar as forças navais do Ocidente de bases que lhe dariam grande mobilidade, do Oceano Pacífico ao Índico; 3) as ilhas britânicas e francesas no Oceano Índico, inclusive Diego Garcia, Reunião e Mayotte; e 4) a região do Atlântico Sul, que merece análise à parte por ser geralmente negligenciada.

O Atlântico Sul — Durante a Segunda Guerra Mundial, o Atlântico Sul representou um papel importante na estratégia aliada. A prolongada crise racial no Sul da África e o envolvimento soviético na guerra civil angolana sugerem que a região deverá ressurgir como um foco de atenção.

À parte a importância geográfica do Atlântico Sul, existem ainda importantes lençóis petrolíferos na costa ocidental da África. A região conta também com

Mapa 3: O Golfo, 1976



Projeção azimutal estereográfica
centrada perto de Teerã, a 35° de
latitude Norte e 50° de
longitude Leste, com giro de 15° (CW)

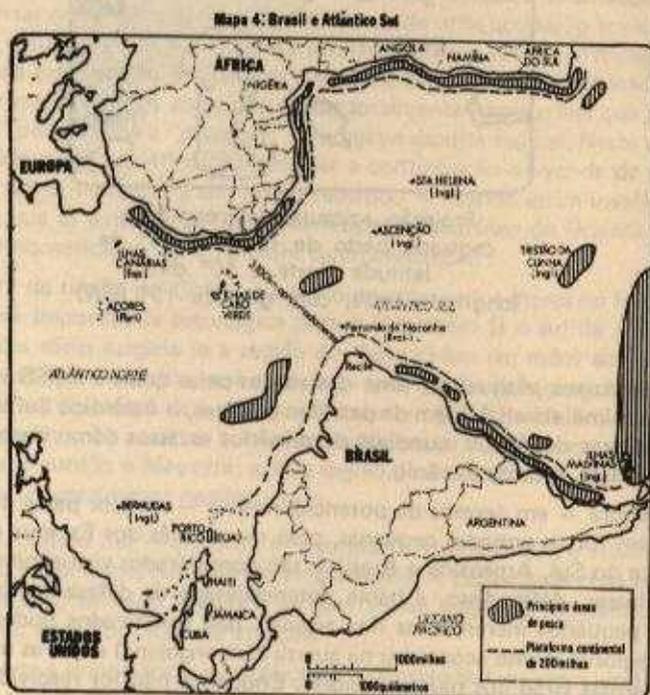
abundantes recursos pesqueiros, uma das razões pelas quais a URSS estendeu sua presença marítima até ali.⁴ Além de petróleo e peixes, o Atlântico Sul tem ainda alguns dos maiores depósitos mundiais de minérios escassos como ouro, manganês, cromo, diamantes, bauxita e urânio.

Embora — em termos de potencial militar — a maior parte dos países da região tenham forças armadas pequenas, pelo menos três dos Estados mais avançados — África do Sul, Argentina e Brasil — são considerados virtualmente como potências nucleares. Além disso, a baixa potencialidade de defesa dos outros países sugere que pequenos incrementos dos arsenais não sofisticados poderão alterar o equilíbrio regional (como aconteceu na guerra civil angolana) e que as maiores encomendas de armas virão dos países menores. Enquanto não for resolvida a crise que afeta todo o Sul da África, deverão realizar-se maiores gastos em defesa.

Uma avaliação do Atlântico Sul indica que maior atenção deve ser concedida ao Brasil (mapa 4). Seu longo litoral avança consideravelmente pelo Oceano Atlântico; o porto de Recife fica quase a 4 mil quilômetros a Leste de Buenos Aires e a apenas 3 mil quilômetros da África Ocidental — menos que a distância até a fronteira do Brasil com o Peru.

O Brasil não é importante apenas estrategicamente. O país vem emergindo como uma legítima potência regional. Sua população ultrapassa os 100 milhões de habitantes, a maior parte dos quais ocupando o litoral atlântico. O Brasil tem recursos naturais em abundância (exceto petróleo) e vem sustentando altas taxas de crescimento econômico nos últimos 10 anos. Além disso, os brasileiros encaram seu país em termos marítimos globais, mais que em termos hemisféricos.

Historicamente, o Brasil tem demonstrado grande interesse na geografia marítima, e há pouco estendeu unilateralmente a 200 milhas suas águas territoriais. A Companhia petrolífera estatal — Petrobrás — vem tentando encontrar petróleo por toda a extensa Plataforma Continental do país. Por outro lado, o país vem adquirindo novos e avançados equipamentos que fortalecerão sua Marinha, e acaba de encomendar dois submarinos, seis fragatas e dois caça-minas costeiros.⁵



Projeção azimutal equidistante centrada em Recife. Todas as distâncias a partir do centro da projeção estão corretas

Em suma, a situação nos mares do Hemisfério Sul parece exigir que as potências ocidentais identifiquem integralmente as ameaças estratégicas a seus interesses. Enquanto não forem encontradas alternativas economicamente viáveis para o petróleo do Golfo, será necessário dar atenção cada vez maior às ameaças político-militares que pairam sobre a segurança do fluxo petrolífero nos mares do Hemisfério Sul. Isto requer uma política mais estruturada por parte do Ocidente. A política de transferência de armas do Ocidente só teria a ganhar com uma maior coordenação com os objetivos globais de segurança da Aliança e com a criação de bases na região. Enquanto o Irã e a Arábia Saudita continuarem pró-ocidentais, o acesso ao petróleo não deverá sofrer ameaças. Entretanto, considerando-se as muitas fontes de conflito e instabilidade na região — inclusive a possibilidade de problemas internos em todos os países do Golfo — parece contra-indicado supor que terá inevitavelmente sucesso uma política que dependa da harmonia regional. Várias possíveis contingências devem ser levadas em conta, inclusive eventuais planos militares do Ocidente no sentido de testar o poderio soviético na região e de dar assistência aos países amigos do Golfo, em caso de conflito militar mais sério. Na prática, isto significaria incrementar a capacidade ocidental de penetrar no Oceano Índico pelo Pacífico e pelo Atlântico em tempo de crise. Tal estratégia implicaria uma cadeia mais concentrada de bases insulares tanto no Índico quanto no Atlântico Sul, os planos para uso mais intenso de bases na Austrália e possivelmente no Brasil. Deve-se notar, entretanto, que tal esforço deverá encontrar oposição, especialmente da Índia, o que reforça a necessidade de restabelecer um diálogo político sério com este país.

As Vulnerabilidades da URSS

Embora as potências ocidentais tenham boas razões para se preocuparem com o crescente poderio militar da URSS e a dependência cada vez maior ao petróleo do Golfo, os líderes soviéticos também não têm motivos para entusiasmo diante de certos elementos do novo mapa. A URSS é particularmente vulnerável em dois pontos: ela tem mais a temer com a proliferação de armas nucleares; e sua liberdade para usar os mares e conseqüentemente para promover operações marítimas globais — é seriamente afetada pela ausência de grandes bases no exterior.

Proliferação nuclear e segurança soviética — Das cinco potências nucleares estabelecidas, pode ter-se como certo que quatro têm como alvo principal a URSS.

Potência nuclear	Alvo principal
EUA	URSS
URSS	EUA
Inglaterra	URSS
França	URSS
China	URSS

Além destes países, a Índia e Israel são considerados quase nucleares, ou, no caso de Israel, já nucleares, segundo a definição que se der aos termos. Outros importantes candidatos são a Coreia do Sul, Formosa, o Paquistão, a África do Sul, o Brasil e possivelmente o Irã e a Argentina. Países que não parecem inclinados, nas atuais circunstâncias, a fabricarem armas atômicas, mas que poderiam facilmente fazê-lo, são quase todos da Europa Ocidental, alguns da Europa Oriental, o Japão, o Canadá e a Austrália.

De primordial interesse são a localização geográfica destes países e o rumo que poderá tomar a proliferação nuclear nos próximos 10 ou 15 anos. Dos principais candidatos, os seguintes provavelmente não estarão em posição de ameaçar os EUA, mas poderiam atingir certos alvos na URSS: Israel, Índia, Coreia do Sul, Formosa, Paquistão e Irã.

Se acrescentarmos à relação dos países secundários — como a Alemanha Ocidental e o Japão — as perspectivas soviéticas tornam-se mais negras, pois na ausência de um grande processo tecnológico que dote os países anti-ocidentais de mísseis balísticos de longuíssimo alcance, os EUA estão em posição mais segura que a URSS em relação às formas tradicionais de proliferação nuclear.

Em termos de planejamento de sua defesa, a URSS defronta-se com a perspectiva de uma ameaça nuclear generalizada. Sua vulnerabilidade à disseminação nuclear na Ásia pode ser verificada no mapa 5.

Este fato pode explicar, em parte, a extrema sensibilidade dos soviéticos à questão de "terceiras" forças nucleares e sua insistência na necessidade de medidas defensivas, inclusive programas de defesa civil e de pesquisa da tecnologia do laser.

Forças marítimas soviéticas e problemas de circulação — Embora o papel e as eventuais missões das forças marítimas soviéticas ainda sejam motivo de debate entre os observadores da política militar do país, sabe-se que em caso de guerra nos mares as frotas soviéticas estariam em séria desvantagem, principalmente pela posição geográfica do país.

A frota Báltica teria de atravessar os estreitos dinamarqueses (Skagerrak e Kattegat) para chegar ao Mar do Norte. A frota do Mar Negro tem como obstáculo os estreitos Turcos, e a frota Mediterrânea, o estreito de Gibraltar e o canal de Suez. Importantes setores da frota do Pacífico deparam com os estreitos da Coreia e do Japão. A frota do Pacífico pode atravessar o estreito Tártaro, que está em mãos soviéticas, mas este estreito pode ser minado a partir de bases ocidentais no Japão. Esta frota pode ainda valer-se da base de Petropavlovsk, na península de Kamchatka, na costa do Pacífico. Petropavlovsk, no entanto, está a milhares de quilômetros das áreas urbanas mais próximas e isolada do resto da URSS em termos de logística terrestre.

A mais importante é a Frota do Norte, com bases em Murmansk e Pechanga, na península de Kola. Nos últimos 10 anos, a URSS investiu intensamente em instalações militares e industriais na península de Kola, que atualmente conta com

Mapa 5: Proliferação nuclear na Ásia:
uma visão soviética



Projeção azimutal estereográfica
centrada perto de
Sverdlovsk, a 57° de latitude Norte
e 60° de longitude Leste

um dos maiores complexos de bases em todo o mundo. Em vista deste investimento, a URSS deve estar preocupada com algumas das tendências geopolíticas que se manifestam em suas vizinhanças. Do ponto-de-vista soviético, as ameaças à região de Murmansk são tanto econômicas quanto legais e militares.

O mapa 6 mostra os Mares do Norte apresentando, entre outras coisas, as exíguas rotas de comunicação que a URSS é obrigada a manter para ter acesso às regiões do Atlântico Norte. Sem este acesso, a URSS não pode usar sua Marinha em termos mundiais, e muito menos desafiar as plataformas marítimas da OTAN no Atlântico. Para chegar ao Atlântico Norte, sua frota deve atravessar vários pontos de estrangulamento. Os primeiros são as rotas de saída de Murmansk e Pechanga para o mar de Barents. Nesta região crítica, surgiu uma disputa com a Noruega sobre a Jurisdição do Mar do Norte da fronteira soviético-norueguesa. Ao Norte do mar de Barents, as grandes massas de gelo polar impedem os movimentos da frota de superfície. Os submarinos soviéticos – inclusive os SSBN (dotados de mísseis balísticos nucleares) – também encontram obstáculos na topografia oceânica da região⁶. A Oeste a frota tem de atravessar uma das gargantas entre Groenlândia, Islândia, Ilhas Faro e Reino Unido para chegar ao Atlântico Norte. Se a Frota do

Norte quiser dirigir-se para o Sul circulando a costa da Noruega, terá de desviar-se dos campos petrolíferos do Mar do Norte e atravessar os estreitos de Dover, de apenas 32 quilômetros de largura.

O mapa 6 mostra as complexas atividades atualmente em curso nos Mares do Norte. A União Soviética deve levar em conta a possibilidade de instalações ocidentais para perfuração e extração de petróleo junto ao Cabo Norte, na Noruega, que atravancariam a plataforma marítima, livre de icebergs. A extensão a 200 milhas de zonas econômicas na região vem acarretando sérias limitações para a indústria pesqueira soviética, e existe atualmente uma disputa com a Noruega sobre a jurisdição da plataforma continental de Svalbard (Spitzbergen).

Em vista destes fatores, os Mares do Norte deverão tornar-se mais importantes nos próximos 10 anos, levando-se em conta a existência de sérias assimetrias nos investimentos estratégicos do Ocidente e da URSS na região, não pode ser descartada a possibilidade de uma intensa reação soviética às atividades econômicas e militares do Ocidente. Pois de certa forma a URSS é tão sensível aos acontecimentos no Ártico, no mar de Barents e na península de Kota quanto seriam os EUA se a Frota Atlântica ou a força soviética da SSBN se instalassem ao Sul da Flórida.



As repercussões destas dificuldades sobre a atividade marítima da URSS parecem dar crédito aos argumentos de que as funções primordiais da Marinha Soviética ainda estão relacionadas à defesa estratégica e à presença política, mais do que o controle marítimo e à projeção do poderio militar. As mesmas dificuldades geográficas, no entanto, estimulam a URSS a tomar as medidas que julgar necessárias para proteger seus investimentos e a instalar bases aéreas e navais fora de suas águas, caso deseje desafiar o Ocidente em mar alto e em regiões como a do Golfo.

CONCLUSÕES

Quatro conclusões políticas decorrem do exposto. Primeiro, alguns dos aspectos mais significativos do poderio militar soviético estão relacionados com o crescente potencial da URSS para projetar seu poderio militar convencional mais avançado em regiões próximas de suas fronteiras, numa época em que já se equipara ao Ocidente no terreno nuclear. Dessa forma, ao analisarmos a reação do Ocidente à ameaça político-militar da URSS, devemos dar atenção cada vez maior aos vínculos entre o equilíbrio militar central e a situação estratégica que vem emergindo no que até agora eram consideradas águas "periféricas" da massa territorial euroasiática. De especial importância são os flancos da OTAN e a região do Golfo e do Oriente Médio.

Segundo, desde que o novo mapa estratégico enfatiza a importância do poderio marítimo e o sutil inter-relacionamento das atividades econômicas, políticas e militares, as potências ocidentais deveriam sincronizar com mais cuidado suas políticas marítimas para enfrentar múltiplas e complexas ameaças à sua segurança, especialmente nos Mares do Norte e do Sul⁷.

Terceiro, levando-se em conta que muitos dos conflitos futuros deverão envolver as forças militares dos países não industrializados, maior atenção deve ser dada à extensão e limitações de suas respectivas capacidades militares. Para este efeito, os analistas de questões militares devem familiarizar-se com os aspectos logísticos do planejamento militar, pois são estes os fatores que, em última análise, determinam o nível de competência e a auto-suficiência militar das potências regionais emergentes — algumas das quais vêm sendo encaradas pelo Ocidente como seus delegados militares.

Quarto, as tendências verificadas no novo mapa sugerem que a proliferação da tecnologia nuclear resultou, em grande parte, de genuínas necessidades de segurança num contexto militar, político e econômico em constante evolução. Por esta razão, as tentativas do Ocidente industrializado no sentido de restringir unilateralmente o processo não serão facilmente bem sucedidas, exceto no contexto de soluções negociadas de conflitos regionais.

1 — Por exemplo: somente no mar da China Meridional existem mais de 200 ilhas inabitadas, algumas das quais têm sido motivo de conflito entre a China, o Vietnã, as Filipinas e o Japão.

- 2 — Os ocidentais estão acostumados à projeção de Mercator do mundo, que se orienta de Norte para Sul, com Londres ou a América do Norte ao Centro. Esta perspectiva anglo-saxônica pode distorcer seriamente nossa imagem do mundo, o que, por sua vez, pode tornar-nos menos sensíveis à percepção estratégica dos outros países, especialmente a China e a URSS. A confiança na projeção Mercator Norte-Sul pode também distorcer as perspectivas dos países ocidentais sobre sua própria segurança. Por exemplo: até a Segunda Guerra Mundial, muitos americanos tendiam a encarar as relações internacionais dos EUA em termos do mapa Mercator, que mostra o hemisfério americano separado do resto do mundo por dois imensos oceanos. Durante a guerra, passou a ser usado o "mapa dos aviadores", que, por valer-se de grandes rotas circulares e da projeção Norte-polar, apresenta uma imagem radicalmente diferente da relação geográfica dos EUA com a Europa e, especialmente, a URSS.
- 3 — Existem muitas explicações para o fato de a URSS ter estendido sua presença a esta área. Entre elas, a preocupação soviética com a possível penetração de submarinos americanos dotados de mísseis balísticos nucleares no oceano Índico e no Atlântico Sul; o cerco soviético à China, atividades para a imposição de uma presença política; e apoio a atividades comerciais soviéticas, especialmente a pesca. Muitos observadores da política militar soviética parecem ignorar que 15% das proteínas consumidas pelos soviéticos vêm do mar. A atividade pesqueira, assim, assumiu importância muito maior para a URSS do que qualquer outro país, exceto o Japão. Os recursos pesqueiros mundiais não estão distribuídos equilibradamente pelos oceanos, e grande parte dos que são mais lucrativos para a URSS cairá em breve sob a jurisdição dos Estados litorâneos, quando entrarem em efeito as 200 milhas de mar territorial. Duas das mais importantes regiões pesqueiras inexploradas estão no oceano Índico e no Atlântico Sul.
- 4 — A maior fonte de proteína marítima não explorada está na região entre a Antártida, a costa Sul da América do Sul e as ilhas Malvinas. Um relatório do Governo inglês, preparado em agosto de 1976 por Lord Shackleton estimava que 100 milhões de toneladas do peixe krill, rico em proteínas, podem ser extraídas anualmente da região — o que equivale a quase o dobro do total mundial de produtos de pesca.
- 5 — Embora os gastos militares do Brasil não tenham acompanhado seu crescimento econômico, o país teve em 1975 um orçamento de defesa de 1 bilhão 283 milhões de dólares, o que o situa entre as principais do Terceiro Mundo, em termos de gastos de defesa. Embora esta cifra represente apenas 1,4% do seu PNB, o Brasil provavelmente poderá sustentar maiores níveis de gastos de defesa sem problemas sérios.
- 6 — As águas junto a península de Kola são rasas, e embora existam alguns canais profundos, estes também são susceptíveis à colocação de minas por parte das forças ocidentais. O abrupto declive das águas rasas à planície abissal de Dumshaf só tem início junto à costa da Noruega. A URSS pode valer-se da calota polar ártica para forçar a passagem de seus submarinos, embora o gelo não seja ali muito espesso, oferecendo portanto proteção limitada.
- 7 — Embora o Japão não tenha sido analisado neste artigo, é preciso dizer que também este país deve reavaliar suas prioridades marítimas em vista da igualmente complexa situação a Noroeste do Pacífico e nos Mares da China.